



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	RELATO DE MAIOR FREQUÊNCIA DE CONTATO FAMILIAR E SUA RELAÇÃO COM MANUTENÇÃO DE TRATAMENTO AMBULATORIAL ENTRE HOMENS DEPENDENTES QUÍMICOS- ESTUDO PILOTO
Autor	LUCIANA ABREU LIMA DA ROSA SILVA
Orientador	FLAVIO PECHANESKY

RELATO DE MAIOR FREQUÊNCIA DE CONTATO FAMILIAR E SUA RELAÇÃO COM MANUTENÇÃO DE TRATAMENTO AMBULATORIAL ENTRE HOMENS DEPENDENTES QUÍMICOS-ESTUDO PILOTO

Luciana Abreu

Introdução: O aumento progressivo dos usuários de crack, o seu potencial dependógeno e as consequências nocivas do uso exigem a construção de terapêuticas focadas nos diversos aspectos relacionados à dependência. O abandono ou descontinuidade do tratamento são frequentes entre usuários de crack, os quais, segundo a literatura, podem ser explicados por diversos fatores de ordem biopsicossocial. Neste contexto, a família pode ser um fator protetor para uso de drogas. Entretanto, frequentemente se observa casos de rompimento das relações entre usuários e seus familiares ou membros do núcleo familiar que também são dependentes químicos, potencializando a chance de recaída e interrupção do tratamento.

Objetivo: Descrever a prevalência da rede familiar de apoio entre pacientes que deram continuidade no tratamento para dependência química após a alta

Metodologia: Trata-se de um estudo descritivo realizado a partir de uma coorte composta por 60 pacientes usuários de crack, recrutados em uma unidade de internação especializada na cidade de Porto Alegre, que foram encaminhados para tratamento ambulatorial após alta, sendo o desfecho analisado o comparecimento ao ambulatório para continuidade de tratamento. Variáveis sociodemográficas e sobre o padrão familiar foram avaliadas pelo Addiction Severity Index Versão 6. A amostra foi composta por homens, predominantemente adultos jovens (média= 35 anos), brancos (56%), solteiros (50%) e com menos de 8 anos de estudo (68%).

Resultados: 64% dos pacientes que relataram ter passado tempo com a família no mês anterior à internação deram continuidade ao tratamento após a alta, este índice foi de 43% entre os que não passaram tempo com a família. Isso também foi verificado entre os indivíduos que informaram possuir apoio familiar em caso de necessidade, 64% seguiram em acompanhamento, em comparação a 50% dos que não relataram apoio. Indivíduos que tiveram problemas de relacionamento com parentes no mês anterior à entrevista apresentaram 65% de comparecimento no ambulatório após a alta, comparados aos 59% dos que não tiveram o mesmo problema. Discussões familiares foram relatadas por 65% dos sujeitos que continuaram o tratamento, e os que não tiveram discussões e compareceram foram 58%. Famílias com uso concomitante de drogas foram observadas em 56% dos sujeitos que continuaram o tratamento, entre sujeitos que não têm familiares usuários o índice foi de 65%.

Conclusões: Houve maior prevalência de continuidade do tratamento entre os pacientes que mantiveram com a família e acreditam poder contar com sua ajuda. Entre aqueles que relataram problemas de relacionamento e discussões com a família a maioria também compareceu ao ambulatório, o que pode sinalizar para atritos adjacentes de conflitos relacionados ao uso de substâncias por esses indivíduos. Referente ao uso de drogas na família, aqueles que não possuem parentes usuários de substâncias tiveram maior comparecimento, podendo indicar a existência de recaídas precoces após o retorno para o ambiente familiar e consequente abandono do tratamento. Reconhece-se que por se tratar de uma amostra pequena isso pode limitar o poder do estudo. Conclui-se que a família pode configurar um fator protetivo, todavia, isso depende da dinâmica familiar em questão. A coocorrência do uso de substâncias na família pode ter potencializado o risco de recaída, constituindo um fator negativo para a recuperação.